

NOS 80 ANOS DOS PRIMEIROS ESCRITOS SOBRE  
VERSIFICAÇÃO  
**A TEORIA DO RITMO VERBAL NA OBRA DE AMORIM DE CARVALHO**  
**BIBLIOGRAFIA CRÍTICA**  
precedida de uma síntese biográfica

Por  
*Júlio Amorim de Carvalho*

(Publicado em *Finis Mundi*, Amadora, n.º 3, julho-setembro de 2011, págs. 173-202)

Dans la notice consacrée à l'écrivain, vous donnerez tous les détails de bibliographie qu'il vous plaira... mais je ne veux *pas un mot* sur ma personne, ni l'âge, ni la naissance, ni la vie, bref *rien* de cela ne regarde le public: les livres sont en partie à lui, puisqu'on les publie, mais l'homme non. – **André Suarès**

El hombre que rinde culto a la verdad resulta siempre una figura excéntrica e incomprendida. Si critica se le tilda de desconforme; si alaba se le califica de obsesivo; vale decir: que sufre, por veraz, los preconceptos de que se salva el mentiroso... – **Jaime Sureda**

### ANTELÓQUIO

Em maio de 1930 começaram a publicar-se na revista «Aquila», do Porto, umas cartas assinadas «Carlos Mendes» em que se abordou, com certo vigor e já com originalidade, alguns aspectos do ritmo verbal, ao mesmo tempo que nelas se tratava de outros assuntos de carácter literário. O autor da quase totalidade do texto de cada uma dessas cartas e da totalidade do que nelas se referia à versificação, – era Amorim de Carvalho. Tinha ele 26 anos de idade. Servirá, pois, o presente trabalho para comemorar o aparecimento dos primeiros escritos sobre o ritmo na expressão verbal publicados, há 80 anos, por quem viria a ser o mais notável metricista.

Redigiremos, primeiramente, em seis substanciais parágrafos, uma biografia resumida do ilustre esteta português, onde procuraremos mostrar as principais características da sua obra e algumas das linhas mestras do seu pensamento; seguir-se-á, uma bibliografia crítica dos seus estudos sobre versificação, colocando-os no contexto biográfico do autor, e indicando a sua significação na história literária; por fim, teceremos comentários a alguns poucos trabalhos, por nós seleccionados, que se referem à obra sobre versificação da autoria de Amorim de Carvalho.

### I. BIOGRAFIA

**Primeiros anos.** – Amorim de Carvalho nasceu no Porto, em 1904, numa família de tradição católica com origens luso-espanholas do Norte peninsular. Era o sexto duma progenitura de sete filhos. Os pais (ele, farmacêutico diplomado pela Escola médica do Porto; ela, sem profissão, proprietária imobiliária, neta do poeta ultra-romântico António Pinheiro Caldas) residiram ora na Foz do Douro, ora em Matosinhos. Como resultante desta instabilidade e das dificuldades financeiras surgidas na família numerosa, teria Amorim uma escolaridade muito perturbada. Frequentou, em Matosinhos, na instrução primária, o Colégio da Beira-Mar (director: José Teixeira Rêgo); depois, o Colégio Universal, no Porto, e a Escola Anglo-Latina do mesmo José Teixeira Rêgo. Completou a sua formação estudando em casa com afinco. Adquiriu conhecimentos de grego clássico e aprofundou os de latim, francês e, sobretudo, de inglês, interessando-se, desde cedo, pela literatura e cultura anglo-saxónicas. Mais tarde, ao mesmo tempo que lia com avidez os volumes da «Bibliothèque de philosophie scientifique» emprestados por Teixeira Rêgo, a cultura francesa tomou certa preponderância no seu espírito, em detrimento da inglesa. Lia correntemente, também, o castelhano, o italiano, o provençal, o catalão e os dialectos neo-latinos medievais *inclusive* nas suas formas poéticas. Conviveu igualmente com Bazílio Telles (pensador materialista, helenista, «anti-semitista intransigente»<sup>1</sup>, muito amigo da família Amorim de Carvalho), pelo qual veio a demonstrar imensa admiração moral e intelectual<sup>2</sup> – o que reforçou a formação que os pais lhe deram, determinando nele a valorização máxima da firmeza do carácter e da independência intelectual. Na adolescência perdeu a fé religiosa. Marcada por intenso patriotismo, – recebeu a formação política, republicana e liberal dominante na sua época, embora convivendo com familiares e amigos que, tendo uma visão bastante crítica do

sistema político que vigorou no país até à revolução de 1926, alargaram significativamente o seu horizonte intelectual<sup>3</sup>.

**Sistematização do pensamento.** – A sistematização do pensamento de Amorim de Carvalho surge precocemente, no começo da década de trinta, sobretudo no domínio da estética, mas já, aí, alicerçada naqueles fundamentos, explícitos e implícitos, que vão permanecer e presidir à diversificação desse pensamento, ao seu alargamento a outras perspectivas ou a outros sectores do conhecimento. Sua intervenção na vida cultural portuguesa será parcialmente polémica e combativa. A este aspecto da sua actividade intelectual atribuíam Amorim elevadíssima e nobre significação, pois que ele permanecia sistematicamente atento à precisão dos conceitos e da terminologia, atento portanto à séria fundamentação – científica e filosófica – do processo argumentativo: acção combativa numa luta contra as turpitudes do ambiente intelectual português (*vid.* casos dos periódicos «O Diabo», «Seara Nova», «Pensamento», «Portucalé» – sendo em consequência do tenebroso assalto a esta revista de que era co-director, que funda, e dirige a revista «Prometeu» de 1947 a 1952, imprimindo-lhe característica orientação estética e filosófica); e intervenção polémica na crítica orientadora e pedagógica, de oposição à decadência do modernismo, na literatura, e de rectificação do que era sustentado pela chamada «filosofia portuguesa»<sup>4</sup> (movimentos com aspectos marcadamente gregários). Assim, teve Amorim que expor o seu pensamento em estudos, em parte, com carácter crítico e de análise às obras de outros autores. Primeiro, violentamente atacado, viu organizar-se, depois, premeditada e sistematicamente, o silêncio à volta do seu nome<sup>5</sup>. No domínio da estética, fôra, efectivamente, «como poeta e como crítico, o mais manifesto opositor das teses da Presença» cujos mentores e críticos não tiveram a preparação científica nem filosófica de Amorim de Carvalho. Plenamente consciente do cerco que se lhe fazia, em várias ocasiões evocará ele o ambiente deletério em que vivia, impregnado de mentalidades hostis ao espírito objectivo, científico e filosófico. Explicou essa situação nefasta do meio intelectual português, como tendo origem na «decadência generalizada afectando o pensamento ético, político, social, filosófico e estético», imposta pelo homem-massa, pelas elites decaídas ou pseudo-elites que se servem das técnicas modernas da propaganda organizada e do elogio mútuo.

**Peregrinações.** – Quase não teve acção política, por razões explicadas no prefácio ao seu livro *O fim histórico de Portugal*<sup>6</sup>. Residindo no Porto, em companhia de seus pais e três irmãos, numa família com tonalidades marcadamente patriarcais, abandona essa cidade, e, com Ester Rodrigues, sua mulher (como ele, também de recente ascendência hispano-portuguesa), e o filho, instala-se em Lisboa no ano de 1953, onde passou a viver modestamente – em parte, da colaboração intensiva nos jornais da capital do país. Para melhorar a sua situação financeira, fez várias mas infrutíferas tentativas, com propostas de colaboração ao serviço da cultura do seu país, junto de instituições estatais e privadas. Frequentou algumas das tertúlias lisboetas dos anos cinquenta e sessenta. Foi nomeado, em 1958, vogal do Conselho de Programas da Emissora Nacional, mas logo perdeu essa função. Desde 1962 foi membro da Internationale Gesellschaft für Vergleichende Kulturforschung, de Salzburg, e da Société Européenne de Culture, de Veneza. Membro fundador da Sociedade Portuguesa de Escritores, demite-se ruidosamente, por considerar imoral a conduta da Sociedade. Em 1963, participou activamente do I Encontro de Escritores de Angola, realizado nesta província ultramarina portuguesa. Em 1965, desgostoso com a degradada situação intelectual da pátria, transfere a residência para Paris. Será um exílio definitivo. Nesta capital (onde vivia com a mulher e o filho, e onde continuava recebendo magras rendas provenientes da firma familiar de que era sócio), convive com alguns intelectuais franceses, continua trabalhando intensamente (obra poética e de pensamento estético e filosófico), e obtém autorização das autoridades do país de acolhimento, com fundamento na obra realizada, para fazer tese de doutoramento na Sorbonne, que defende em 1970, apresentando *De la connaissance en général à la connaissance esthétique. L'esthétique de la nature* – obra que será editada, ainda no tempo de Portugal, com subvenção do Instituto de alta cultura. Com essa formalidade universitária, pretendia apenas tentar obter, posteriormente, uma segurança material que lhe permitisse viver com menores inquietações financeiras. Em outubro de 1975 adoece, pressentindo que não viverá muito tempo; desloca-se ao Porto, onde assiste ao baptizado da neta recém-nascida, despede-se da família, morrendo conformado, com toda a serenidade, em Paris, alguns meses depois. Não quisera morrer na pátria que ele logo considerara estar sendo submetida, desde 1974, a um processo político que a levava inevitavelmente e vergonhosamente, ao seu «fim histórico», como nação independente com sua significação no processo histórico. Com fundamento no *arrêté* do *préfet* da Région d'Île de France et de Paris, de 3 de outubro de 2007, foi colocada na capital francesa, na fachada dum prédio do Quartier Latin, uma placa comemorativa que assim reza: *Dans cet immeuble a vécu / de 1969 à 1974 / Amorim de Carvalho / poète et philosophe portugais / mort à Paris le 15 avril 1976.*<sup>7</sup>

**O esteta, o filósofo, o poeta.** – Mantendo-se sempre afastado de capelas e grupos ideológicos e da propaganda organizada pelo elogio mútuo, recusava para si ou para quem pudesse dele aproximar-se o «que em regra leva à formação dos grupos», militando contra o fenómeno gregário, defendendo a «realidade dos melhores valores», associando à superioridade intelectual, a superioridade moral – «sem a qual tudo redundaria numa mistificação», formulando uma teoria das elites e apelando para a «revisão axiológica» dos direitos do Homem. – Pugnou pelo reconhecimento «de um sentido de transpocalidade e de transnacionalidade» dos valores filosóficos e estéticos e, no que a estes respeita, do «impulso criador positivo [...] nessa linha de afirmação que

[...] [designará] por *nomia* estética», no tema e na forma. Desenvolveu uma teoria da criação artística que se insere na teoria da estética por ele sistematizada. Construiu uma impressionante teoria da perspectiva («la réfraction du champ physique tridimensionnel et son analogon bidimensionnel») sustentada com a necessária fundamentação geométrica. Definiu o conceito de poesia («ideia em idealidade») donde resultou uma verdadeira teoria da comunicabilidade estética, com a qual se poderá relacionar a sua «teoria do simbolismo». Preencheu as «lacunas [do pensamento estético, tanto em Portugal como no estrangeiro] com teorizações, até hoje incontestadas criticamente, que levavam em si toda [...] [uma] fundamentação objectiva, científica e filosófica», apresentando uma «teoria da crítica» e «dos modernismos» (*O conflito de gerações. A psicologia dos modernismos*), apresentando e justificando a «noção de *actualidade*» estética (relacionada com as ideias de: transépocalidade e permanência). Amorim afirmou-se como a mais notável compleição crítica do país: «talvez em nenhum país – e contemporaneamente – o modernismo houvesse tido uma crítica tão constante, com objectividade, com fundamentação científica e com enquadramento filosófico» como a que ele sustentou em Portugal, utilizando métodos que eram novos na literatura de expressão portuguesa. – Discutindo o problema da filosofia em Portugal, propôs uma «pedagogia filosófica» do pensar português, divergindo profundamente do movimento que se auto-intitulou ou logo aceitou intitular-se *da filosofia portuguesa* (pretendendo, com esta expressão, identificar-se esse movimento com o espírito da nacionalidade), cujas teses foram consideradas, pelo filósofo, improcedentes para as correctas interpretações do processo histórico-cultural do país e da situação mental de certos representantes da inteligência portuguesa. Sustentou a conciliação da «hipótese metafísica» com o «facto positivo» («positivismo metafísico»); neste posicionamento filosófico, veio a estudar e a definir, com originalidade, os conceitos de Nada, Tempo e Espaço; a afirmar a «absolutidade de objectividade» do *sou*; a formular as noções de «superdeterminação» e «subdeterminação» relacionadas com a de «qualização» num processo dialéctico original («dialéctica mononómica») numa e para uma ontologia fortemente marcada pela afirmação dos «valores reais». Criticando a teoria do conhecimento de Kant e a das emoções de Sartre, dá com impressionante minuciosidade e originalidade a sua própria teoria das emoções «qui devient, rigoureusement, une théorie de l'affectivité en général» com directas repercussões na emoção estética. – Na criação poética, trouxe incontestável originalidade e beleza nova à literatura de expressão portuguesa, tanto pela técnica conceptual como pela técnica formal. Considerando as «diversas características mentais que, no conjunto, definem as compleições poéticas criadoras de largas formas poemáticas ou de largo pensamento poético em que se refletem as eternas inquietações humanas e universalistas, e em que a poesia está intimamente ligada ao pensamento para atingir a ressonância épica ou filosófica de uma concepção do mundo e da vida», conferindo aos poemas «o sentido de uma poesia mundial», Amorim coloca-se, na continuidade de Camões, Antero, Junqueiro e Pascoaes, entre os grandes poetas de expressão portuguesa. Em nenhum destes, no entanto, a poesia atingiu tão alta densidade filosófica aliada à beleza conceptual («simbolizações explícitas e implícitas, simples ou complexas até às longas extensões dramatizantes», «transposição da simbolização para o tema», tese ou visão filosófica que o poeta tem da realidade) e à beleza formal, como em Amorim de Carvalho; e também em nenhum outro poeta a problemática do amor teve a intensidade e a dimensão filosófica que ele lhe imprimiu, para uma «ontologia do amor»: o «Amor sexual [...] aparece como paradigmático do que, extensivo à afectividade humana, e com [...] significação anti-solipsística, se chama bondade, dádiva e fraternidade e conduz a toda uma ontologia sociológica e amorosa»<sup>8</sup>.

**Teoria da versificação.** – Como esteta, também foi ele o atento analista e o teorizador da versificação, alçando-a ao nível de ciência, formulando as leis do ritmo verbal (para as línguas acentuais); impressionante é a construção interpretativa levantada pelo esteta português, à volta do que ele denominou «lei da elisão rítmica», rompendo, consequentemente, com conceitos e terminologias inadequados para uma correcta compreensão das formas rítmicas verbais. E tudo isso «num porfioso e verdadeiro trabalho laboratorial», fazendo experiências com os versos, compondo versos experimentais, alterando-lhes a estrutura interna, etc.: era uma revolução na estética da literatura, mas a incompetência dos literatos não permitiu que estes dela se apercebessem; e, noutros casos, a sua má fé levou-os, premeditadamente, a silenciarem a obra do mestre. Consciente da importância dos seus trabalhos neste domínio do conhecimento estético, escreveu Amorim, em 1974, no prefácio à *Teoria geral da versificação* (já há muito concluída e cujas teses essenciais, já há muito tinham sido publicadas, como se verá adiante): «Este livro não é [...] o fruto apenas do meu estudo vivido das obras dos outros poetas; é também o fruto da experiência vividíssima da minha própria criação [poética]». O conjunto da obra sobre versificação e, mais particularmente, sobre o ritmo verbal, tem uma significação que a transcende, pois está «intimamente ligada – disse Amorim – à minha obra de poeta e à posição que, como poeta e crítico mantive e mantenho» em divergência constante, firme e fundamentada das falsas teses da «modernidade» a que o esteta opôs os conceitos de «transépocalidade» e de «actualidade permanente».

**Conclusões.** – Se Amorim de Carvalho não tivesse surgido no panorama cultural, na história literária, no pensamento estético e filosófico da sua época, teria resultado um vazio incomensurável que estaria na origem duma definitiva pobreza espiritual do passado século, pela ausência de uma atitude, de um posicionamento, de uma faceta da inteligência portuguesa que só ele sustentou ou preencheu. A «arquitectónica didáctica» que se fizer do seu pensamento terá que considerar que esse pensamento se manifesta já na poesia, se explícita e se

sistematiza na sua estética e nos estudos de análise literária, prolongando-se e afirmando-se nos trabalhos de reflexão filosófica propriamente dita. – Morto em Paris, foi seu corpo sepultado no cemitério da Ordem do Carmo, em Agramonte, no jazigo de família fundado pelo seu bisavô o poeta romântico António Pinheiro Caldas. Na Biblioteca e no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho conservam-se, respectivamente, os livros que lhe pertenceram ou que lhe fazem referência e um grande número de documentos que lhe dizem respeito.

## II. BIBLIOGRAFIA DE AMORIM DE CARVALHO SOBRE O RITMO VERBAL

*NOTA INTRODUTÓRIA.* – As obras de Amorim de Carvalho vieram, por vezes, a público muito depois de serem dadas como terminadas pelo autor. Essa a razão pela qual, nesta bibliografia, indicaremos essas obras por ordem cronológica do seu acabamento e, quando não seja possível, na data da sua publicação.

[*Uma polémica na revista «Aquila»*]. [*Três cartas*], «Aquila», Porto, ano II, n.º 51, 3 de maio de 1930, pág. 11. [*A colaboração da Aquila*], *ibid.*, ano III, n.º 7, 28 de junho de 1930, pág. 14. [*A colaboração da Aquila. Novas cartas do sr. Carlos Mendes*], *ibid.*, n.º 11, 26 de julho de 1930, pág. 14. [*A colaboração da Aquila*], *ibid.*, n.º 22, 11 de outubro de 1930, pág. 16. [*A colaboração da Aquila. Última carta do Sr. Carlos Mendes*], *ibid.*, n.º 25, 1 de novembro de 1930, pág. 14. [*Id. (2 – conclusão)*], *ibid.*, n.º 26, 8 de novembro de 1930, pág. 13. [*Uma rectificação e um plágio*], *ibid.* N.º 30, 6 de dezembro de 1930, pág. 14. [*Um esclarecimento*], *ibid.*, ano IV, n.º 29, 28 de novembro de 1931, pág. 6. [São dez cartas, datadas de 22 de março de 1930 a 23 de novembro de 1931: 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> cartas publicadas a 3 de maio de 1930; 4.<sup>a</sup> carta, a 28 de junho; 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup>, a 26 de julho; 7.<sup>a</sup>, a 11 de outubro; 8.<sup>a</sup>, a 1 e 8 de novembro; 9.<sup>a</sup>, a 6 de dezembro de 1930; 10.<sup>a</sup> a 28 de novembro de 1931. Amorim de Carvalho (pseudónimo: «Carlos Mendes») toma a iniciativa de fazer uma cerrada e impiedosa crítica a diversos colaboradores deste periódico muito lido pela juventude. A importância biográfico-literária desta série de textos, está no facto de virem provar não só o interesse que demonstrava Amorim, já desde muito jovem, pela versificação, mas também os seguros conhecimentos que possuía nesse domínio da estética da literatura. O autor insurge-se, com certa insolência juvenil, contra a mediocridade e as deficiências versificatórias da colaboração publicada naquela revista. Aborda o problema relativo às boas regras formais do soneto, à técnica e à função da rima, interessa-se pelas condições da pureza musical no verso. Trata da acentuação principal no verso simples; e esforça-se por fazer compreender rapidamente, ao leitor, a estrutura íntima do verso, do ritmo verbal, distinguindo os versos elementares, os versos compostos e simples. Cremos ter já Amorim de Carvalho encontrado ou fortemente intuído, por essa época, a lei da fusão ou elisão rítmica, pois escreve, em uma das citadas cartas, que é das relações entre formas elementares que vem a força rítmica do verso. Nada disso para ele é convencional, dependendo o ritmo verbal de leis e implicando uma técnica, ao contrário do que pensam os «corifeus» da modernidade. Estes seus escritos apontam, por fim, para a distinção dos conceitos de técnica formal e conceptual, que ele precisará mais tarde. Desse conjunto de factos se poderá legitimamente deduzir que já em finais dos anos vinte terá Amorim feito as primeiras tentativas para uma sistematização renovada e definitiva da versificação. — Aquelas cartas foram publicadas, como já se indicou, sob o pseudónimo «Carlos Mendes», – pseudónimo que escondia, em princípio, os nomes de Amorim de Carvalho e de Jorge de Loivos (*vid.*, de Amorim de Carvalho: *Valores desconhecidos. A obra de Jorge de Loivos*, «Diário da Noite», Lisboa, 6 de dezembro de 1932, e *Ao correr da penna. Sousa Martins*, «Jornal de Cambrá», Estarreja, ano IV, n.º 146, 1 de fevereiro de 1935, pág. 1). É justo precisar, no entanto, que foi Amorim de Carvalho – como ele próprio nos disse – o autor da quase totalidade do que se publicou na «Aquila» sob a assinatura de «Carlos Mendes» que deve ser, portanto, considerada, *de facto*, como o pseudónimo juvenil deste poeta e filósofo. O exemplar do n.º 7 (do ano III) da «Aquila», datado de 28 de junho de 1930, conservado na Biblioteca da Casa Amorim de Carvalho, tem, na capa, a assinatura «Carlos Mendes» e a rubrica «C M», ali escritas pelo próprio punho de Amorim de Carvalho].

*A forma na poesia*, «Gazeta de Matosinhos», Matosinhos, III série, n.º 4, 13 de julho de 1930. [Estudo da função do ritmo e da rima, isto é, da forma propriamente dita, ou da técnica formal, na arte poética, imprimindo à ideia «uma emotividade e uma dinâmica que não podemos negar». Dentro duma concepção objectiva da estética, sustenta o autor que «a sentimentalidade humana é, nos seus múltiplos aspectos, decalcada numa forma universal». — Este é o primeiro estudo publicado em que o autor aborda o tema da forma em geral na poesia, com argumentação profunda e demorada, dentro da orientação que será a da sua teorização estética definitiva].

*Teoria geral da versificação. Volume I. A metrificação e a rima. Volume II. As estrofes, os sistemas estróficos e a história da versificação*, Lisboa, 1987. [O essencial desta obra estava já redigido, embora com outro título, nos começos da década de trinta do passado século (*vid.*, *infra*, o verbete *Os novos ritmos. A técnica como revelação da alma humana*; e, na *Teoria geral*, o prefácio, pág. 11). Nela estão formuladas as leis dos ritmos verbais descobertas por Amorim de Carvalho e actualizados os conceitos e a terminologia que fizeram da versificação uma ciência. Pomos particularmente em evidência a lei da elisão rítmica, à volta da qual não pode deixar de ser interpretada a formação dos ritmos. Considerada a importância fulcral desta obra – precocemente delineada, não sendo os outros estudos de Amorim sobre versificação senão aplicações ou desenvolvimentos ou resumos posteriores das leis enunciadas e dos princípios definidos na *Teoria geral* –, enumeramos a seguir os principais temas tratados nesta obra, pondo nós, aqui, em relevo a métrica que é o aspecto mais nobre da

versificação e que corresponde à primeira parte da *Teoria geral*. Esta obra é dividida em cinco partes (cada uma delas compreendendo diversos capítulos subdivididos em parágrafos numerados): 1.<sup>a</sup> parte – Metrificação e leis do verso (Definição de verso; Lei da elisão rítmica: versos compostos e cesura, cesura átona e cesura tónica, notação musical, elisão rítmica e acentos rítmicos dos versos simples, verso e música, lei da elisão rítmica e lei da oposição à elisão rítmica, diálise rítmica e ritmos fortes, distinção entre elisão rítmica e sinalefa, fórmulas sintética e analítica dos ritmos, análise estrutural dos versos; Versos simples: do dodecassílabo ao pentassílabo, lei da exigência da força tónica do acento rítmico e lei da tonicidade posicional; Versos elementares: versos elementares e lei da partição acentual, verso quebrado, fragmento inicial e terminal; Dos versos simples aos versos compostos: mais longos versos simples na prosódia portuguesa; Versos compostos regulares incluindo compostos regulares de componentes com menos de quatro sílabas; Versos compostos irregulares: compostos irregulares e suas bases métricas, compostos irregulares de base hexa-octo-deca-dodecassilábica, compostos irregulares com bases de formas elementares, compostos irregulares e o hexassílabo na sua formação, compostos irregulares de bases enea-hepta-pentassilábica; Ritmo lírico e ritmo recitativo: distinção entre um e outro, características numéricas dos versos de ritmo recitativo e de ritmo lírico, transições entre ritmos recitativo e lírico e entre esquemas diferentes de ritmo lírico, repetição dos versos elementares e ritmo lírico, versos compostos e ritmos recitativo e lírico; Leis das relações matemáticas: lei das formas regulares ou do ritmo efectivo, lei das relações matemáticas simples, canónica das combinações heterométricas, música e natureza especificamente versificatória da lei das relações matemáticas simples; Outras leis da versificação: considerações filosóficas sobre leis em geral e leis da versificação em particular, lei da força rítmica de totalização, lei do ritmo mais forte, lei da subordinação ou assimilação rítmica, lei da subordinação rítmica e certos problemas da versificação na poesia trovadoresca portuguesa; lei da alteração rítmica dos vocábulos e licenças poéticas); 2.<sup>a</sup> parte – Pureza musical, harmonia e rima; 3.<sup>a</sup> parte – Estrofes e sistemas estróficos; 4.<sup>a</sup> parte – Do verso metrificado ao verso livre, tradução dos versos; 5.<sup>a</sup> parte – História da versificação. — Sem editor isento e inteligente que a publicasse; e sem ter o autor meios próprios para editá-la à sua custa – desta obra extraiu Amorim de Carvalho um resumo que constituiu a 1.<sup>a</sup> ed., do autor, do *Tratado de versificação portuguesa*, publicada em 1941. Foi a *Teoria geral* progressivamente actualizada e ampliada; em 1974 escreveu o autor, para lhe servir de prefácio, um depoimento crítico-histórico a que deu o subtítulo: «A história e a significação desta obra»].

*Os novos ritmos. A técnica como revelação da alma humana*, «O Diabo», Lisboa, ano I, n.º 23, 2 de dezembro de 1934. [Volta o autor ao tema da universalidade da realidade estética, pois «É nesta universalidade que há-de consistir a força de ligação psicológica e social de todas as formas artísticas»; «a técnica [incluindo a técnica formal], com todas as suas regras, [...] é a afirmação do que na psicologia humana existe de idêntico para todos». Ora o ritmo verbal é um dos aspectos dessa técnica de criação da emoção. — Neste estudo refere-se pela primeira vez Amorim de Carvalho ao seu *Novo tratado de versificação portuguesa*, que só muito mais tarde, mas já com as generalizações e ampliações a que foi submetido e que justificariam a mudança de título, seria editado com o de *Teoria geral da versificação*].

*Ao correr da pênna. Sousa Martins*, «O Jornal de Cambra», Estarreja, ano IV, n.º 146, 1 de fevereiro de 1935, pág. 1; «O Jornal de Estarreja», Estarreja, ano XLVIII, n.º 2401, 15 de fevereiro de 1935, pág. 4. [Amorim de Carvalho explica, neste artigo, a génese da teoria da versificação que ele construiu com uma precocidade verdadeiramente impressionante. Transcrevemos: «A minha pretenção foi fazer assentar a Versificação em leis. E parti duma lei que eu considerava como a principal e que [...] formulei, sob a designação de *lei de fusão rítmica* [...]». Analisa e compara Amorim de Carvalho – para explicar a descoberta, por ele realizada, da citada lei – os versos alexandrinos de cesura átona e os de cesura tónica. Alarga depois a argumentação aos versos simples. — Este modesto artigo, publicado em apagados jornais, está abarrotado de importantíssimas informações de carácter biográfico-literário relativas a Amorim de Carvalho. Pois aí confirma o autor a precoce ideia de escrever um *Tratado de versificação* «com mais largueza de vistas do que aqueles que eram do [...] [seu] conhecimento», e adianta que essa ideia surgiu da polémica havida em 1930-1931 na revista «Aquila». É, pois, de admitir que os primeiros passos em direcção duma teorização da versificação, com a intenção de dar o estatuto de ciência a esse domínio do conhecimento estético, datem ainda dos finais da década de vinte do passado século. Confirma neste artigo, Amorim de Carvalho, sua intenção (já expressa em *Os novos ritmos...*) de «publicar em breve» o seu volumoso estudo sobre versificação – o tal primeiramente nomeado *Novo tratado de versificação portuguesa* (já pronto em 1934) ao qual Amorim reduz agora o título para *Tratado de versificação* (resultado da generalização dos seus estudos sobre o ritmo verbal para além do idioma português) e que tomaria o título definitivo de *Teoria geral da versificação*. As razões pelas quais os desenvolvidos estudos (iniciados talvez nos finais dos anos vinte e concluídos na primeira metade dos anos trinta) tiveram que ser resumidos para dar origem ao *Tratado de versificação portuguesa* editado em 1941, foram pelo autor explicadas no prefácio à *Teoria geral da versificação* (pág. 11). De tudo isso se infere, como dissemos, a extraordinária precocidade dos estudos sobre versificação realizados por Amorim de Carvalho; teremos, pois: cartas da «Aquila» (1930 e 1931) → decisão de fazer um renovado e extenso estudo sobre versificação (entre 1930 e 1934) → *Novo tratado de versificação portuguesa* (pronto em 1934 ou antes desta data) → alteração deste título para *Tratado de*

versificação como resultado dos estudos alargados sobre o ritmo verbal em geral (1934 ou 1935) → publicação dispersa de diversos estudos com matéria extraída do *Tratado de versificação*, alteração deste título para *Teoria geral da versificação* e recuperação de elementos desta *Teoria geral* para a redacção de um *Tratado de versificação portuguesa* → publicação do *Tratado de versificação portuguesa* (1941) → publicação da *Teoria geral da versificação* (1987)].

*Os problemas da versificação. A lei da fusão rítmica e a formação dos versos simples*, «O Diabo», Lisboa, ano II, n.º 67, 6 de outubro de 1935, pág. 6. *Id. As relações matemáticas no ritmo dos versos*, *ibid.*, n.º 97, 3 de maio de 1936, pág. 6. *Id. O soneto como sistema quadri-estrófico*, *ibid.*, ano III, n.º 114, 30 de agosto de 1936, pág. 2. *Id. Elementos formais e versos elementares*, *ibid.*, n.º 126, 22 de novembro de 1936, pág. 6. *Id. A propósito de um artigo do sr. dr. Agostinho de Campos*, *ibid.*, n.º 128, 6 de dezembro de 1936, pág. 3. *Id. A decomposição dos versos e os acentos*, *ibid.*, n.º 140, 28 de fevereiro de 1937, pág. 2. [Com excepção de dois estudos sobre a estrofação do soneto, Amorim de Carvalho aborda, nos outros, o que na versificação há de mais fundamental: o ritmo verbal, suas condições, suas leis. E ao enunciá-las, fá-lo com a absoluta segurança e maestria que lhe dá a precoce sistematização da teoria versificatória que ele desenvolveu na sua extensa obra pronta para publicar (*vid.* os três verbetes precedentes) e da qual extraiu a matéria para estes ensaios. — Na impossibilidade, como se disse, de publicar a vasta obra sobre versificação já acabada, Amorim foi publicando estes estudos, «rigorosamente inéditos», num dos mais prestigiosos periódicos literários da época; eram eles novidade flagrante na literatura de língua portuguesa e mesmo na de qualquer país].

*A técnica e a poesia. I. A técnica no seu duplo aspecto formal e conceptual*, «O Diabo», Lisboa, ano II, n.º 84, 2 de fevereiro de 1936, pág. 3. *Id. II. A «coloração poética»*, *ibid.*, n.º 87, 23 de fevereiro de 1936, pág. 2. [Desenvolve aqui Amorim de Carvalho um tema que o apaixonará e ao qual voltará frequentes vezes: a «técnica formal» e a «técnica conceptual» são criadoras e condicionadoras de emoção, sendo a «técnica formal» aquela que mais directamente diz respeito à versificação (por ex., a forma estrófica, a rima, o feitiço sónico das palavras, as pausas, os acentos, e o todo rítmico do poema ou sua «toada própria», independentemente do significado verbal, etc.). Nestes ensaios expõe o autor já de maneira definitiva e com argumentação que, fundamentalmente, pouco mudará no futuro, a problemática posta pelo relacionamento dos conceitos de forma e ideia, técnica e poesia, etc., alargados eles à arte em geral. — Duas observações. A orientação estética assumida brilhantemente por Amorim de Carvalho teria de colidir, mais tarde ou mais cedo, com a das correntes do instinto, do intuicionismo e da crítica impressionista do modernismo – de que resultariam momentos polémicos agudos. A segunda observação é que os estudos acima citados foram publicados num período da actividade literária de Amorim de Carvalho em que este estava a elaborar uma teoria da arte que iria fornecer ou poderosamente contribuir para fornecer os fundamentos à estética neo-realista portuguesa (da qual Amorim se desviaria, aliás, completamente ou quase): *vid.*, de Carlos Reis, *O discurso ideológico do neo-realismo português* (tese de doutoramento), Coimbra, 1983, págs. 30, 55, 56, 58, 59, 70, 90, 91, 112 a 114, 203, 204, 210, 223, 224; e de Amorim de Carvalho, *Ligeiras considerações sobre o neo-realismo na poesia*, «Prometeu», Porto, vol. II, n.º 2, abril de 1948, pág. 95].

*Através da obra do sr. António Botto. (Análise crítica)*, ed. do autor, Porto, 1938. [No cap. IV, «O ritmo na poesia do sr. Botto», estuda-se especialmente a metrificação de Botto à luz da ciência da versificação já sistematizada por Amorim de Carvalho na obra de conjunto, ao tempo ainda inédita, como se explicou precedentemente. No cap. V, intitulado «O poeta», dá o crítico uma síntese dos «recursos artísticos de expressão (forma) de que dispõe» Botto, onde afirma que «os seus especiais dons pouco excedem uma, aliás curiosa, inovação métrica» que fôra cuidadosamente estudada no capítulo precedente. — Este livro provocou um enorme embaraço na pseudo-crítica portuguesa (predominantemente modernista ou pelo modernismo contaminada), pois além de ter demonstrado a pobreza poética da obra de Botto, provou Amorim de Carvalho a enorme «sugestibilidade literária» do poeta criticado e a «fonte livresca» da sua poesia (com origem, entre outras, na obra de E. Gómez Carrillo); o crítico admitirá, mais tarde, que Botto (independentemente da sua «sugestibilidade») praticou também o plágio, e bem conscientemente (*cf.* a breve nota manuscrita à margem inferior da pág. 26 de um exemplar encadernado de *Através da obra do sr. António Botto* catalogado, sob o n.º de ordem 76, na Biblioteca da Casa Amorim de Carvalho). Além do valor intrínseco desta obra de análise crítica, é preciso, para entender a extraordinária significação do estudo de Amorim de Carvalho, compenetrarmos-nos também do enorme desprazo atingido pelos elogios elevados a Botto no jornalismo e pelos medíocres críticos portugueses da época].

*A comunicabilidade da poesia e as traduções poéticas*, «Seara Nova», Lisboa, ano XVIII, n.º 579, 17 de setembro de 1938, pág. 336. *Poesia e formalismo*, *ibid.*, n.º 583, 15 de outubro de 1938, pág. 7. *Em torno das variações dum crítico*, *ibid.*, 28 de janeiro de 1939. *Em redor de um problema literário. «Suplicante rôgo»*, *ibid.*, n.º 603, 4 de março de 1939, pág. 47. [Ao longo destes quatro extensos estudos, o autor demoradamente expõe a problemática inerente ao relacionamento dos conceitos de poesia, formalismo e ideia, inteligibilidade, discursividade e comunicabilidade da poesia – com consequências directas na teoria da tradução poética e na expressão do ritmo verbal. Dá Amorim de Carvalho as explicações exigidas por aquela problemática, perfeitamente integradas na sua teoria da estética. — Os dois primeiros estudos acima citados colidiam com

certas opiniões sustentadas, sem viabilidade, sem coerência teórica, por certa crítica portuguesa. Reagiu esta pela pênna dum dos seus mentores (Gaspar Simões): como quase sempre, sem força lógica, avançando ideias confusas e asserções insustentáveis. Respondeu Amorim nos dois últimos ensaios, precisando conceitos e mostrando (com argumentação cerrada resultante duma bem construída sistematização estética) as incongruências da crítica literária dominante, ao tempo, em Portugal].

*Bibliografia.* «*Tendências do lirismo contemporâneo*» por *Hernani Cidade*. (2.<sup>a</sup> edição. Liv. *Portugália, Lisboa, 1939*), «*Pensamento*», Porto, ano IX, vol. VIII, n.º 114, 15 de março de 1939, pág. 31. *Sobre as tendências do lirismo contemporâneo*, *ibid.*, ano X, vol. VIII, n.º 115, 1 de abril de 1939, pág. 12. *Tendências do lirismo contemporâneo*, *ibid.*, n.º 118, 15 de maio de 1939, pág. 6. *Para a história da crítica em Portugal. Repelindo uma agressão*, *ibid.*, n.º 119, 1 de junho de 1939, pág. 12. *Id. Elucidando os leitores da «Seara Nova»*, *ibid.*, n.º 120, 15 de junho de 1939, pág. 16. *Id. O valor da autodidaxia*, *ibid.*, n.º 121, 1 de julho de 1939, pág. 14. *Id. A alteração experimental dos textos*, *ibid.*, n.º 122, 15 de julho de 1939, pág. 14. [Nos segundo e terceiro estudos citados, expõe Amorim de Carvalho seu pensamento (e consideramos nós apenas, aqui, o domínio restricto da versificação) sobre o chamado «verso livre», o ritmo verbal e a criação artística representativa de uma «mais livre espiritualidade», a «contribuição do ritmo para a inteligibilidade e [...] a emoção», etc.; abordando o problema da «inteligibilidade formal», dá um exemplo paradigmático de como o método experimental pode ser utilizado com proveito nos estudos de versificação. A propósito da passagem da versificação quantitativa à acentual, Amorim viu-se na obrigação de corrigir as erradas afirmações de Hernani Cidade o qual, não entendendo o que para Hegel significava a expressão *arte romântica*, revelava assim a pouca cultura filosófica duma intelectualidade portuguesa contaminada pelos preconceitos da «modernidade». Os ensaios que se seguem àqueles dois estudos acima referenciados, pouco adiantam, do ponto de vista teórico, ao que já dissemos para a versificação ou para a teoria do ritmo verbal: volta o autor, neles, no entanto, àqueles temas tratados precedentemente, dando múltiplos exemplos da ignorância crassa e da «miséria mental» de um poeta moderno (Casais Monteiro) representativo do estado de espírito dominante em Portugal. Em *A alteração experimental dos textos*, trata, alfim, longamente, de um interessantíssimo assunto: o da utilização do método experimental no estudo da versificação. Tem sido nossa opinião que esse método pode ser validamente alargado às artes plásticas<sup>9</sup> e à estética em geral. — Este conjunto de estudos recapitula o que já se processara no caso relativo à precedente série de artigos. Analisando Amorim de Carvalho, aqui, criticamente uma obra de um professor universitário português, sai-lhe, agora, à estocada, um louvaminhado representante da poesia modernista incomodado com a teoria e a argumentação expostas pelo ilustre esteta. Perante a violência do processo insultuoso adoptado contra Amorim de Carvalho, teve este que responder com extrema severidade ao incompetente e imoral contraditor (*vid.* os quatro ensaios subordinados ao título *Para a história da crítica em Portugal*). No deprimente ambiente mental imperando no mesquinho meio português onde a sua pseudo-intelectualidade tem pretendido impor não apenas sua insolente incompetência e suficiência mas também os pseudo-valores de um decadentismo sem válidos alicerces filosóficos, científicos, ou humanos – naquele ambiente, toma, pois particular significado a intervenção polémica de Amorim (*vid.*, deste autor, embora numa perspectiva mais larga que a da versificação, o estudo: *À margem dum opúsculo. O valor da polémica e o perigo da abstenção*, «*Pensamento*», Porto, 1 de outubro de 1939)].

*Bibliografia.* «*Solidão*» por *João Falco*. (*Ed. da «Seara Nova», 1939*), «*Pensamento*», Porto, ano X, vol. VIII, n.º 120, 15 de junho de 1939, pág. 32. *Em torno da crítica modernista. I. Os temas actuais e o modernismo*, *ibid.*, n.º 129, 1 de novembro de 1939, pág. 20. *Id. II. Temas elevados e temas actuais*, *ibid.*, n.º 130, 15 de novembro de 1939, pág. 13. *Contra a mentira da «crítica» em Portugal*, Porto, 1940. *O «Pensamento» e o homem da «opinião sensata»*, «*O Povo de Aveiro*», Aveiro, ano LVIII, 4.<sup>a</sup> série, n.º 619, 11 de fevereiro de 1940, pág. 2. [No conjunto dos estudos aqui reunidos, apenas em dois momentos aborda o autor assuntos que dizem respeito à versificação. Primeiramente, num *post-scriptum* do terceiro estudo, onde Amorim se refere rapidamente à métrica (heterometria recitativa) e à rima do seu poema longo *Il Poverello*. Depois, mais detidamente, no cap. III («*A nossa versificação*») do opúsculo *Contra a mentira da «crítica» em Portugal*. Aí, em resposta à incompetência habitual da crítica, analisa alguns versos de *Il Poverello*, e de outros poetas, explicando certas subtilidades da técnica da metrificação; refere ou enuncia algumas das leis do ritmo verbal que ele descobriu e correctamente formulou (dando particular relevo à da fusão ou elisão rítmica que [como todas as outras leis, aliás], «pela primeira vez, salvo erro foi formulada por nós», escreve Amorim de Carvalho); evoca a distinção entre diversos tipos rítmicos; etc. Concluindo: «Ao falarmos da *nossa* versificação, ligada, indubitavelmente, à versificação clássica, falamos com legítimo direito no que é o resultado dos nossos estudos» (*cf.*, atrás, o verbete da *Teoria geral da versificação*), – embora, claro está, para Amorim de Carvalho, aquela versificação tenha valor de objectividade universal. — Repete-se aqui, com características idênticas às das duas polémicas precedentes (era o *tir de barrage* contra o pensador e esteta oposto às teses modernistas...), – repete-se aqui, dizíamos, o processo do desencadear do combate às posições sustentadas por Amorim de Carvalho; e, conseqüentemente, as razões que estão na origem dos estudos acima referenciados, são as mesmas que nos casos anteriores: a insolência e a incompetência de uma crítica portuguesa (representada agora por um João Pedro de Andrade), tão medfócre como pretenciosa, que não estava disposta a admitir que se lhe fosse à mão. Volta aqui a

evidenciar-se o especial significado da teoria da crítica e da estética de Amorim de Carvalho que, com seu valor de universalidade, vinha concretamente desempenhando no país um papel de orientação pedagógica, e até de moralização no pensamento, e de contenção da decadência dos valores estéticos].

*Tratado de versificação portuguesa*, 1.<sup>a</sup> ed., ed. do autor, Porto, 1941; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1965, 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1974; 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1981; 5.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1987; 6.<sup>a</sup> ed., Coimbra, 1991. [É, como se disse, o resumo dos extensos trabalhos sobre versificação que Amorim de Carvalho terminara, para o essencial, na primeira metade da década de trinta, mas que não conseguiu publicar de imediato. Esta obra (retomando o que, sobre versificação – e com maior relevo sobre o ritmo verbal –, já Amorim de Carvalho publicara anteriormente: *vid.* estudos citados nos precedentes verbetes), em sua própria sistematização surge como marco miliário na literatura, pela renovação completa do estudo da versificação, dando a esta o estatuto de ciência com suas leis do ritmo verbal e terminologia própria. A 2.<sup>a</sup> ed. saiu com o sub-título: «Teoria moderna da versificação», e a indicação: «refundida», correspondendo a «várias alterações ou ampliações nalguns passos», como se escreveu na introdução «Ao leitor». — Queremos evocar aqui um caso lamentável, mas não de surpreender em meio literário destituído de dignidade: referimo-nos à apropriação, por Celso Cunha, em obra publicada em 1968, da explicação, pela primeira vez dada por Amorim de Carvalho, da subordinação rítmica do verso ao canto e à música na poesia trovadoresca, sem que aquele filólogo brasileiro tenha citado o grande especialista português da versificação que já tratara publicamente esse assunto na 1.<sup>a</sup> ed. (1941) do *Tratado de versificação portuguesa*, n.º 58. Voltou Amorim de Carvalho a esse tema em *A música e o verso. A propósito de uma «História da música portuguesa»*, publicado em «O Cronista», Lisboa, 18 de junho de 1955; e na 2.<sup>a</sup> ed. (1965) do *Tratado*, n.º 71. Na *Teoria geral da versificação* (preparada, no essencial, como se viu, para publicar, desde a primeira metade dos anos trinta do século XX, embora saísse a público apenas em 1987), no seu vol. I, n.º 69, Amorim desenvolve muito o estudo do caso da «lei da subordinação rítmica e certos problemas da versificação na poesia trovadoresca»; e no vol. II, n.º 142a, *inclusive* na nota 44, torna a tratar desse interessante assunto e tece serenamente os comentários apropriados à inadmissível atitude de C. Cunha].

*Guerra Junqueiro e a sua obra poética. (Análise crítica)*, 1.<sup>a</sup> ed., Porto, 1945; 2.<sup>a</sup> ed., Porto, 1998. [Obra dada como pronta desde 1941 («Duas palavras do autor», pág. 15 da 1.<sup>a</sup> ed.). Compreende um cap. XIII inteiramente consagrado à «versificação de Junqueiro», onde, no domínio do ritmo verbal, se estuda a existência ou não de influências ou sugestões entre este poeta e Castilho, Eugénio de Castro e António Nobre. Também no cap. XVII («Guerra Junqueiro e António Nobre») se estuda o relacionamento, na técnica versificatória, entre estes dois poetas. — Perante os ataques infundamentados contra Junqueiro por parte dos «detractores modernos», Amorim de Carvalho constrói, nesta obra, uma avaliação definitiva do poeta estudado, colocando-o no elevado lugar que ele («uno de los mayores [poetas] del mundo», escrevia Unamuno) deve ocupar na poesia de expressão portuguesa – avaliação essa feita à luz de uma concepção científica e filosoficamente fundamentada, da crítica e da estética (*vid.*, entre outros, o cap. XVIII: «A avaliação estética da poesia de Junqueiro e a crítica actual»].

*Temas culturais. A forma e a tradução poética*, «Diário de Lisboa», Lisboa, 17 de fevereiro de 1954. [Assuntos retomados neste estudo: a forma como «técnica de emoções», a relação entre forma e ideia, a forma propriamente dita por oposição à «forma conceptual», a tradução poética, etc. — Aborda aqui o autor, mais uma vez, temas que lhe permitiam esclarecer diversos conceitos fundamentais para a teoria da estética e criticar opiniões confusas propaladas pela incompetente crítica literária portuguesa; é nessa necessidade manifesta de precisão e clareza dos conceitos que estará, certamente, em grande parte, a explicação da insistência de Amorim em retomar constantemente esses temas].

*Influências confessadas*, «Diário Popular», Lisboa, 17 de novembro de 1954. [Inclui, entre diversos assuntos, uma rápida referência aos seus estudos aprofundados sobre versificação, resultado, «talvez» (diz o autor) da «influência negativa do modernismo». — Neste curto ensaio, Amorim de Carvalho evoca vários casos, literariamente curiosos, relacionados com a sua criação poética e com os seus estudos no domínio da estética e da análise literária, afirmando a originalidade fundamental da sua obra].

*A música e o verso. A propósito de uma «História da música portuguesa»*, «O Cronista», Lisboa, 18 de junho de 1955. [Brevíssimo comentário, mais uma vez explicando o que já fôra escrito no *Tratado de versificação portuguesa* editado em 1941, relativamente à subordinação rítmica do verso ao canto e à música em certos casos da poesia trovadoresca portuguesa – casos esses que não tinham sido satisfatoriamente interpretados por Mussafia nem por Rodrigues Lapa. — A respeito da desonesta apropriação, por filólogo brasileiro, da explicação dada por Amorim de Carvalho, de certas anomalias da versificação na poesia trovadoresca, *vid.* o que escrevemos acima, no parágrafo consagrado àquele *Tratado de versificação portuguesa*].

*Temas culturais. Um problema da versificação. (1)*, «Diário de Lisboa», Lisboa, 8 de fevereiro de 1957. *Id. (2)*, *ibid.*, 25 de fevereiro de 1957. *Id. (3)*, *ibid.*, 27 de fevereiro de 1957. *Id. (4)*, *ibid.*, 3 de abril de 1957. *Temas culturais. A discussão esclarecedora*, *ibid.*, 5 de maio de 1957. [Extenso estudo sobre a cesura no ritmo verbal. Amorim de Carvalho refuta e rectifica os múltiplos erros verificados na inadmissível definição de cesura apresentada, por António Coimbra Martins, num muito defeituoso e pouco objectivo *Dicionário das literaturas portuguesa, galega e brasileira*, publicado sob a direcção de Jacinto do Prado Coelho, professor da Faculdade de

letras de Lisboa. — Nesta série de densos artigos, põe-se implicitamente em evidência a inferioridade e o sectarismo do meio mental português (na universidade, como fora dela) que, por desonestidade intelectual, afastava sistematicamente Amorim de Carvalho da colaboração em publicações que focavam domínios do conhecimento em que ele era o incontestável especialista; e demonstra-se explicitamente a incompetência dos analistas literários portugueses. Assistiu-se aqui a mais um caso, semelhante aos dos já citados em parágrafos precedentes, em que incompetentes literatos sem qualquer preparação nem altura de vistas, vinham agressivamente contestar as críticas construtivas que se lhes fazia ou as teorias e interpretações que os incomodavam, em seus preconceitos].

*Temas culturais. As formas literárias «gastas»*, «Diário de Lisboa», Lisboa, 26 de outubro de 1957. [Vem o autor lembrar de novo seu conceito de forma literária, no duplo aspecto material (por exemplo, o ritmo dos versos, a ausência de ritmo verbal, o «paralelismo rimático», etc.) e conceptual; e relaciona forma com «interesse emocional». Desenvolve interessantíssimas considerações sobre o «facto estético (afectivamente estético na relação emocional sujeito-objecto)», e a respeito da imitação e da originalidade em arte, e do caso das «formas repetidas com pobreza temática», etc. — No deletério ambiente literário português, pouco permeável à disciplina mental, à clarificação de conceitos, Amorim vem, neste estudo, mais uma vez afirmar sua originalidade e pôr em evidência a significação da sua obra no domínio da teoria da estética e da análise literária].

*Depoimento para a história crítica do modernismo em Portugal*, 1.<sup>a</sup> ed., Prometeu, Porto, 1981 (ed. dactilografada, colocada à venda nas livrarias e largamente difundida); «Nova Renascença», Porto, n.º 13, janeiro-março de 1984, pág. 21; 2.<sup>a</sup> ed., Prometeu, Porto, 1985 (id.). [Redigido em Paris, no ano de 1966. Desenvolvidas considerações sobre a forma, a ideia e a tradução na poesia (já o dissemos – temas caros a Amorim de Carvalho) e sobre o ritmo e o pseudo-«ritmo interior» ou «ritmo amétrico». O autor evoca a importância decisiva da sua obra para a compreensão de todos os ritmos verbais cujas condições foram por ele formuladas em leis; trata das «conceptualizações da forma que fundiam sentido e musicalidade»; e, abordando, o problema da técnica formal propriamente dita, afirma a originalidade da sua obra poética e insiste, explicando com certas minúcias, no facto de ter ele conscientemente introduzido novas formas rítmicas na poesia de expressão portuguesa. — Este *Depoimento* fôra escrito para ser incluído no *Volume I. Elegia heróica e outros poemas* da *Obra poética escolhida* de Amorim de Carvalho. Não sendo esse volume publicado pelo editor lisboeta (Sociedade de Expansão Cultural, de Domingos Monteiro) que se comprometera fazê-lo, decidiu Amorim (depois de recuperar a obra que esteve vários anos na posse desse editor), rever, aumentar e actualizar o *Depoimento*, reservando-o para publicação à parte; mas não o pôde fazer, faltando, por esse facto referências a alguns dos seus mais recentes poemas. Este *Depoimento* é uma estupenda síntese crítica da literatura portuguesa contemporânea do poeta, esteta e filósofo que foi Amorim de Carvalho, senso também uma impressionante análise da sua própria obra poética e dos seus estudos sobre estética da literatura, explicando o autor claramente a significação que têm na literatura de expressão portuguesa].

*Problemas da versificação. (1). O decassílabo de Junqueiro*, «República», Lisboa, 22 de março de 1968, pág. 7. *Id. (2). O dodecassílabo de António Nobre*, *ibid.*, 29 de março de 1968. *Id. (3). O dodecassílabo de António Nobre*, *ibid.*, 5 de abril de 1968. [Responde Amorim de Carvalho, nestes extensos ensaios, a certas observações que Luís Lindley Cintra fez aos estudos do teorizador da versificação, relativamente aos dois tipos métricos (versos simples de ritmo recitativo) trabalhados pelos poetas citados em epígrafe. Amorim explana as suas razões, com notável largueza de vistas, desenvolvendo sólida e aguda argumentação. No que respeita a Junqueiro, diz que, se em seus estudos não analisou «em particular» o decassílabo deste poeta, foi por não encontrar nele qualquer novidade; e, no seguimento destas considerações, explica, magistralmente, com grande desenvolvimento, exemplificando sempre, a formação dos ritmos pela elisão rítmica. Quanto a Nobre, Amorim de Carvalho confirma a sua tese: o esforço de Nobre para se desjunqueirizar, *inclusive* na versificação (no ritmo). E vê-se Amorim obrigado a esclarecer conceitos, a precisar terminologias, a explicar a diferença entre verso composto e verso simples; a insistir na distinção entre o composto  $6^{\infty}+6^{\infty}$ , portanto de base hexassilábica de acentuação incerta, e o 4+4+4, também recitativo como o precedente, mas ritmo simples cuja fórmula sintética é  $12^{48}$ , – constituindo estes versos dois ritmos muito diferentes, exigindo, portanto, terminologia adaptada (apesar de terem o mesmo número de sílabas, estamos em presença de uma heterometria que nem sequer é equilibrada, ao contrário do que acontece, por exemplo, com os ritmos compostos dodecassilábico 4(2)+6 e decassilábico 4+6 que são, a nosso ver, heterometricamente equilibrados). — Apesar da superior preparação de L. L. Cintra, nota-se, que em certas afirmações suas (como nas dos melhores espíritos da sua época) há como que uma contaminação dos preconceitos modernistas que, não contidos por séria formação científica e filosófica, vêm impedir muitas vezes uma correcta interpretação da técnica versificatória. Foi contra isso que Amorim de Carvalho reagiu].

*Introdução à obra poética de Guerra Junqueiro*, «Obras de Guerra Junqueiro. (Poesia). Organização e introdução de Amorim de Carvalho», 1.<sup>a</sup> ed., Porto, 1972; 2.<sup>a</sup> ed., Porto, 1974. [No cap. III («A obra poética») e em subdivisão relativa à perspectiva técnico-formal na poesia de Junqueiro, a págs. XVIII-XIX, faz-se rápida síntese dos aspectos mais originais ou significativos da sua técnica métrica; no cap. IV («Algumas notas da

leitura de revisão»), restabelece-se a integridade dos versos de Junqueiro, reconstituindo-se consequentemente o ritmo e a rima alterados em sucessivas edições mal revistas (págs. XXI-LXI). — Único verdadeiro conhecedor e especialista de Junqueiro, fôra Amorim de Carvalho solicitado pelo editor, Edgar Lello, e por Maria Izabel Guerra Junqueiro (de Mesquita Carvalho), filha do poeta transmontano, para organizar e fixar o texto da obra junqueiriana e redigir o estudo que lhe serve de introdução].

*Problemas da versificação*, Lisboa, 1981. [Reúne diversos estudos dispersos de Amorim de Carvalho atrás referenciados. Neste volume póstumo publicou-se, pela primeira vez, os textos de dois artigos que desenvolviam muito e muito do que foi sucintamente publicado em *Temas culturais. Um problema da versificação. (4)* (*vid.*, atrás, o parágrafo que lhe é relativo). Eis a razão. Como se disse, a série de artigos de que este, imediatamente atrás citado, faz parte, corrigia o que desastrosamente António Coimbra Martins escrevera sobre «Cesura» no *Dicionário das literaturas portuguesa, galega e brasileira*, dirigido por Jacinto do Prado Coelho. Temendo que os artigos de Amorim de Carvalho deixassem no público uma detestável imagem do *Dicionário*, o seu editor (a Livraria Figueirinhas, do Porto) pedira à direcção do «Diário de Lisboa» (onde os artigos estavam sendo publicados) para solicitar a Amorim de Carvalho que este abreviasse o estudo rectificador que estava fazendo. Amorim acedeu à solicitação e resumiu em *Um problema da versificação. (4)* (publicado em 3 de abril de 1957) a doutrina prevista para três extensos artigos, dos quais dois já prontos. Estes dois artigos ficaram, portanto, inéditos durante 24 anos. Os respectivos manuscritos encontram-se conservados no Arquivo (pasta 46 / GD / N.º 4) da Casa Amorim de Carvalho. A absurda reacção de A. C. Martins motivou, no entanto, a resposta de Amorim de Carvalho em *A discussão esclarecedora*. — Esta colectânea de dispersos foi publicada por iniciativa de Ester Rodrigues (viúva do autor). Um editor (o responsável pelo Centro do Livro Brasileiro, de Lisboa) de espírito arejado, compenetrado do valor e da originalidade dos estudos de Amorim de Carvalho, depois de ter publicado o *Volume III. A comédia da morte e outros poemas da Obra poética escolhida* de Amorim de Carvalho, editou os *Problemas da versificação* e a 4.ª ed. do *Tratado de versificação portuguesa*, integrados um e outro, numa colecção das obras completas de Amorim de Carvalho que tencionava levar por diante; mas as dificuldades provocadas na firma editora pelo descalabro económico nacional, consequência do golpe militar de 1974, impediram-no de prosseguir nesse projecto].

[*Estética e teoria da arte. Organização: Júlio Amorim de Carvalho / Artur Manso. Introdução: Artur Manso*], Porto, 2004. [Dos estudos de Amorim de Carvalho que interessam o ritmo verbal, incluiu-se neste volume *A forma na poesia e A técnica e a poesia. I. A técnica no seu duplo aspecto formal e conceptual*, atrás referenciados. — Obra publicada no ano da comemoração do 1.º Centenário do nascimento de Amorim de Carvalho, contribuição da editora Estratégias Criativas, de António Marcelino Valente, para essa comemoração. Trata-se de uma antologia de alguns dos primeiros textos da autoria de Amorim de Carvalho sobre teoria da estética. O único responsável pela organização desta antologia, é justo dizê-lo, foi, *de facto*, o professor Artur Manso que é também o autor não só da excelente síntese «sobre a teoria estética e artística de Amorim de Carvalho» que serve de introdução ao livro, mas ainda da «Nota prévia». Como escreveu Artur Manso na referida introdução: «Para um estudo mais profundo da teoria estética e artística de Amorim de Carvalho serão doravante essenciais os textos aqui recolhidos»].

*NOTA FINAL*. — Esta bibliografia restringiu-se ao que de mais importante foi, até hoje, publicado de Amorim de Carvalho sobre o ritmo verbal. Não se fez, consequentemente, referência ao volumoso *Dos trovadores ao Orfeu. (Contribuição para o estudo do maneirismo na poesia portuguesa)*, estudo inovador cujo inédito teve, até hoje, uma existência atormentada, minuciosamente descrita em nota, da nossa autoria, incluída na obra: é que, não tendo pertencido às oficinas de propaganda, nem a *capelas*, de orientação naturalmente sectária, — homem-elite pela independência intelectual e pelas características mesmas da sua inteligência —, foi e continua a ser Amorim de Carvalho vítima da mentalidade gregária duma cultura-massa que vai predominando no seu país. Nesse vasto magma indiferenciado de pseudo-elites e elites decaídas encontra a Obra deste poeta, esteta e filósofo, um meio particularmente hostil, ou indiferente, à sua divulgação.

### III. ALGUMAS REFERÊNCIAS À OBRA DE AMORIM DE CARVALHO NO DOMÍNIO DA MÉTRICA

#### Amorim de Carvalho (Júlio)

*Amorim de Carvalho. No 1.º Centenário do seu nascimento (síntese biográfica). Uma bibliografia sobre versificação*. «Rhythmica. Revista espanhola de métrica comparada», Facultad de filología, Sevilla, ano II, n.º 2, 2004, pág. 9. [Primeira bibliografia crítica, que se publicou em língua portuguesa, sobre versificação, mais particularmente orientada para a parte essencial dela, que é a métrica. — «Rhythmica» é uma notável revista destinada ao estudo do ritmo verbal, aberta à colaboração internacional; tem apresentado trabalhos em diversas línguas; em português, foram publicados três estudos nossos, este e os dois que a seguir se indicam. A Casa Amorim de Carvalho possui a colecção completa desta revista dirigida pelos professores José Domínguez Caparrós e Esteban Torre, sendo o secretariado desta publicação periódica assegurado pela professora María Victoria Utrera Torremocha].

*O ritmo na poesia de Amorim de Carvalho*. Id., ano III-IV, n.ºs 3-4, 2006, pág. 7. [Curta introdução sobre a obra poética e a teoria da versificação de Amorim, seguida do estudo exaustivo dos ritmos recitativos

(formas simples e compostas, que os literatos portugueses têm dificuldade em distinguir, como, por exemplo, o 6+6 e o 12<sup>48</sup>, etc.) utilizados pelo poeta no livro de sonetos *Bárbaros*; e dos ritmos líricos do livro *Destino* (pentassilábico de acentuação ímpar, 5<sup>1-13-3</sup>, e heptassilábico, 7<sup>o</sup>, em suas formas simples e compostas), chamando a atenção para a *lei da diálise rítmica*, etc.].

*O ritmo na poesia de Amorim de Carvalho. II. Heterometria e isometria lírica em Verbo doloroso*. Id., ano VII, n.º 7, 2009, pág. 7. [Minucioso estudo das mesmas formas líricas, e agora também da 5<sup>2</sup> (em modalidades heterométricas, com desarticulações em quebrados daquele pentassílabo, por determinação rimática), etc. Propusemos o conceito de *elemento versífico* ou *metrífico* (forma verbal que se relaciona, de qualquer modo, ritmicamente, com o verso ou metro, sem que, nessa mesma forma, tomada isoladamente, seja forçosamente verso para o conjunto rítmico da composição poética); o *elemento versífico* é o que se relaciona com a metrificação, nada tendo a ver com as formas não metrificadas às quais se tem chamado irracionalmente «verso livre», porque *verso é ritmo*, «proposto» ou «efectivo» (Amorim de Carvalho), portanto não-«livre» (submetido a regras), havendo que admitir, como escreveu María Victoria Utrera Torremocha, em pleno acordo com Amorim, que «El verso libre [...] es, desde el estricto punto de vista métrico, prosa» (*Tipografía y verso libre*, «Rhythmic», n.º 2, pág. 273). Discutimos o conceito amoriniano de «parágrafo poético», propondo o de *parástrofe* que nos parece poder corresponder a certas subtilidades da teoria da estrofação, a certos casos intermediários entre *estrofe* e «parágrafo poético». A matéria destes três nossos estudos, foi desenvolvida à luz da teoria métrica de Amorim de Carvalho].

### **Borges (João)**

*Sr. Camelito (o gato) e a versificação. Uma carta de Amorim de Carvalho a Maria Amélia Camossa Saldanha (a propósito do soneto Desolação)*. Textos de José Domínguez Caparrós / Vera Vouga / Júlio Amorim de Carvalho / João Borges. Desenho original de Irene Vilar. Porto, 2004. [A respeito da análise métrica, rectificadora de um soneto, feita em carta (com data de 15 de fevereiro de 1935) endereçada à autora, «Amorim de Carvalho nos da una lección de las relaciones entre métrica y poética» (escreve, em síntese, José Domínguez Caparrós). A nossa contribuição consistiu num longo e minucioso texto explicativo da teoria amoriniana do ritmo verbal (*inclusive* em sua gênese), transcrevendo as respectivas leis formuladas por Amorim de Carvalho e tecendo os comentários e dando os exemplos que se lhes apropriam, com a intenção de facilitar a sua compreensão por quem não é especialista nesta matéria. — Este livro apresenta-se como requintada publicação organizada pelo ilustre *designer* português dr. João Borges; edição integrada nas comemorações do 1.º Centenário do nascimento de Amorim de Carvalho. A carta de Amorim de Carvalho está transcrita e reproduzida em foto-gravura].

### **Domínguez Caparrós (José)**

*La teoría del verso de Amorim de Carvalho. Notas de lectura*. «Nuevos estudios de métrica», Madrid, 2007, pág. 125. [Contribuição lida no colóquio: *Amorim de Carvalho. Da poesia e estética ao pensamento filosófico*, realizado na Biblioteca pública municipal do Porto, de 14 a 16 de outubro de 2004, durante as comemorações do 1.º Centenário do nascimento de Amorim de Carvalho. O autor evoca diversos aspectos rítmicos da teoria amoriniana da versificação relacionando-a com certas «cuestiones que están vivas en el estudio del verso español». Referindo-se à significação da obra de Amorim de Carvalho, diz, em síntese: «Detrás del tratadista se ve el filósofo y el creador. No es frecuente encontrar, entre los que escriben sobre la técnica del verso, un grado tan alto de confluencia del tratadista de métrica con el filósofo y el poeta». Sobre a obra versificatória amoriniana em especial, escreve que ela «llama poderosamente la atención por su originalidad» e que «aparte de su lugar en la teoría del verso portugués, tiene un valor incalculable como teoría general» para os tratadistas «de cualquier lengua». — José Domínguez Caparrós doutorou-se em Filologia românica na Universidad Complutense de Madrid com a tese: *Contribución a la historia de las teorías métricas en los siglos XVIII y XIX*. Actualmente é professor catedrático de Teoria da literatura. Sua actividade investigadora incide (entre outros aspectos da teoria literária) sobre a problemática da métrica, tendo, neste domínio do conhecimento estético, vasta obra publicada.].

*Métrica española*. Madrid, 1993. [Referências a Amorim de Carvalho na pág. 50, a propósito da «Versificación silábica» ou ritmos de «acentuação incerta» (na terminologia amoriniana) e na pág. 123, a respeito da «Rima asonante» que Amorim chama «rima incompleta vocálica». Bibliografia actualizada, citando, de Amorim de Carvalho, na pág. 244, o *Tratado de versificação portuguesa* (1.ª ed. de 1941 e 4.ª ed. de 1981 por lapso indicada com data de 1991) e a *Teoria geral da versificação* (ed. em 1987). — Esta obra de José Domínguez Caparrós é dividida em quatro partes: «Conceptos generales» (conceitos de métrica e ritmo), «Elementos del verso» (sílabas, acento, pausa, rima), «Clases del verso» (tipos métricos), «Combinaciones métricas» (estrofação). A Biblioteca da Casa Amorim de Carvalho possui as duas referidas obras da autoria de Domínguez Caparrós (enriquecidas com autógrafos seus), ambas catalogadas na secção *Literatura de língua espanhola, Versificação*].

### **Gasparov (Mikhail Leonovich)**

*A history of european versification*. Oxford, 2002. [Obra traduzida do russo por G. S. Smith e Marina Tarlinskaja. Amorim de Carvalho é, naturalmente, o único metricista de expressão portuguesa citado. Lamentar-

-se-á que o autor faça unicamente referência à 3.<sup>a</sup> ed. (1974) do *Tratado de versificação portuguesa* quando a mais recente é de 1991 (6.<sup>a</sup> ed.), ignorando a *Teoria geral da versificação* editada em 1987. Certo é que o *Tratado* constitui um rigoroso condensado da *Teoria geral*, – mas mesmo assim, é surpreendente a deficiente informação dada pela obra do autor russo traduzida para inglês e editada com a chancela da University of Oxford! O professor catedrático Mikhail Gasparov não se apercebeu da nova problemática, verdadeiramente revolucionária, posta pelos trabalhos de Amorim de Carvalho. *Comme quoi...*].

#### **Moisés (Massaud)**

*Pequeno dicionário de literatura portuguesa. Organizado e dirigido por Massaud Moisés.* São Paulo, 1981. [Verdadeiro pasquim brasileiro, transcrevemos desta obra o que Joel Pontes (da Universidade federal de Pernambuco) escreveu no verbete «Poéticas»: «Quanto aos tratados de versificação, já não se escrevem. Muito simplificados, são encontrados nos livros didáticos de nível liceal: *Tratado de Versificação Portuguesa* (1941), de Amorim de Carvalho [...]». O bárbaro nem entendeu a novíssima teoria exposta no *Tratado* de Amorim, nem se deu conta (nem ele nem o organizador do *Dicionário*) que em 1974 já este *Tratado* estava na 3.<sup>a</sup> ed. (uma 4.<sup>a</sup> ed., do Centro do Livro Brasileiro, de Lisboa, saíra em julho de 1981)! — Obra medíocre, sectária, é este *Dicionário* organizado e dirigido por um «professor-titular de *Literatura Portuguesa* da Universidade de São Paulo» («Centro de Estudos Portugueses»). A ignorância ou a desonestidade intelectual, generalizada e consentida, levou-o a silenciar ou eliminar da bibliografia sobre Botto, a obra de Amorim de Carvalho, fundamental sobre aquele poeta: *Através da obra do sr. António Botto. (Análise crítica)* (1938). No artigo sobre Bruno, aquele J. Pontes, já referido, chegou ao grotesco de também eliminar o estudo essencial, de Amorim de Carvalho, sobre o pensador português: *O positivismo metafísico de Sampaio Bruno. As influências de Comte e Hartmann. Crítica e reflexões filosóficas* (mais de 300 págs.) (1960); citar Amorim teria, talvez, mas não é certo, impedido J. Pontes de escrever as banalidades e asneiras que ainda mais contribuem para desacreditar o *Dicionário* em que colaborou. E é assim que se vai fazendo o intercâmbio *cultural* (!) entre os dois países... irmãos no burlesco. E assim, também, é que se vai impingindo aos estrangeiros o que as claques e as oficinas de propaganda ajustam ou sentenciam... dos dois lados do Atlântico!].

#### **Vouga (Vera)**

*Amorim de Carvalho – Teoria Geral da Versificação, 2 vols., Lisboa, Editorial Império, 1987.* «Línguas e Literaturas. Revista da Faculdade de Letras do Porto», II série, vol. VII, 1990, pág. 279. [Com uma ou outra observação sem justificação bastante, a nosso ver, – a recensão da *Teoria geral* feita pela professora da Faculdade de letras da Universidade do Porto, foi a melhor que se escreveu sobre a referida obra de Amorim de Carvalho. Criticando parcialmente a expressão «geral» incluída no título da obra, assinala Vera Vouga que «o *corpus* analisado é fundamentalmente de Língua Portuguesa, embora com larga documentação em outras Línguas Românicas [e língua inglesa, omitida por Vera Vouga (cf. n.º 135 da *Teoria geral*)]. O que parece natural. Focar com o mesmo pormenor uma diversidade universal [«qualquer sistema de Verso»] seria efectivamente impossível». Queremos levantar aqui uma possível ambiguidade. Para já, devemos notar que Amorim se interessou fundamentalmente pelo *ritmo* verbal *acentual*, nas versificações de línguas acentuais, com exclusão do (para utilizar a expressão de Vera Vouga, se a interpretamos bem) «sistema de Verso» quantitativo (embora se interessasse por ele, e o estudasse: cf. o prefácio e os n.ºs 138, 139). O segundo ponto a notar, é que Amorim utilizou o método indutivo de modo muito largo, *geral*, de maneira a garantir a validade das suas induções ao construir a *Teoria*; pois, como ele informa no referido prefácio, estudou «os tipos de versos» «nas línguas portuguesa, espanhola, italiana e francesa; rocei [diz ainda ele] pelas versificações inglesa e alemã, ajudado pelos seus especialistas», etc., etc.; «[...] num porfioso e verdadeiro trabalho laboratorial» (que ele detalha no citado prefácio), veio também a estudar a «fonética instrumental», que se serve do «espectrógrafo tão usado pelos metricistas ingleses», mas não lhe deu validade (cf. o prefácio e o n.º 65). Resumindo: com fundamento num processo indutivo, (isto é, subindo do particular ao *geral*, à lei) estabeleceu o autor da *Teoria geral* um conceito de ritmo e formulou as respectivas leis, isto é, *generalizou* explicações relativas ao ritmo na expressão verbal acentual, para a *universalidade* linguística no «sistema de Verso» acentual. Formuladas a lei ou as leis (o conceito de lei identifica-se com o de *generalidade* ou *universalidade*), Amorim fez, no entanto, incidir as exemplificações em certas línguas, porque, como diz V. Vouga, «Focar com o mesmo pormenor uma diversidade universal [isto é, diversidade *de factos*, embora redutíveis a um princípio explicativo *geral* ou lei] seria efectivamente impossível». A genialidade, neste como nos outros domínios do conhecimento, está na validade, constatada posteriormente, das leis formuladas (atração universal, relatividade, velocidade da evolução, elisão rítmica, etc.). Relativamente à fundamentação científica e filosófica da *Teoria geral*, e à complexidade crescente das leis na subida da física à psicologia, consultem-se o prefácio e os n.ºs 11d e 65 dessa obra].

\*

Damos por finda a bibliografia crítica, relativa à obra versificatória de Amorim de Carvalho, onde salientámos o aspecto rítmico, por constituir este a parte essencial, a parte nobre da versificação: é o primeiro trabalho que, com essas características, e actualizado, está publicado em Portugal. Teríamos podido citar, na sua terceira e última parte, certos escritos de autores diversos que, referindo-se a Amorim, tratam também, com certo

desenvolvimento ou sucintamente, aspectos rítmicos da versificação, – escritos que, por razões diversas, não obtiveram referências do ilustre metricista; não os citámos por considerarmos que estão fundamentalmente fora das linhas de força de renovação que constitui a teoria da versificação amoriniana. Se nos referimos, na terceira parte desta bio-bibliografia, a alguns outros (publicados depois da morte de Amorim) que estão igualmente afastados destas linhas de força, foi mais para darmos exemplos do que admitimos ser casos paradigmáticos de *ignorância* ou de *negação* da perspectiva renovadora-inovadora do estudo do ritmo verbal, – renovação-inovação que ficou teorizada, com fundamentação científica e filosófica, por Amorim de Carvalho, em obras em livro, ou dispersas, de grande fôlego.

*Casa Amorim de Carvalho, Porto, janeiro de 2010*

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Sem outra indicação (explícita ou mesmo implícita), as expressões ou frases entre aspas são de Amorim de Carvalho.

<sup>2</sup> Não resultou, no entanto, daí, qualquer influência da obra de B. Telles no pensamento de Amorim de Carvalho.

<sup>3</sup> Para os anos da juventude e como contribuição ao conhecimento do meio social e familiar que foi, nesse período da sua vida, o de Amorim de Carvalho, *vid.*: Júlio Amorim de Carvalho, *Dois escritores portugueses. O poeta António Pinheiro Caldas e Amorim de Carvalho*, Casa Amorim de Carvalho, Prometeu, Porto, 2000, págs. 32-38 e *Achegas para uma biografia: Amorim de Carvalho*, «Gil Vicente», Guimarães, 2002, págs. 62-66; João Manuel Amorim de Carvalho Borges, *Maria Amélia Camossa Saldanha Amorim de Carvalho Borges. Seu percurso e contributo para a dimensão histórica da família*, ed. do autor, Porto 2002, excelente estudo genealógico enriquecido com abundante iconografia.

<sup>4</sup> Magoe no entanto aos seguidores de opiniões deste movimento, – há que admitir que as teses amorinianas não foram seriamente contestadas: estão a cair *os da filosofia* no mesmo género de aberrações em que têm caído *os literatos*, porque, como escreveu Amorim de Carvalho, não poderá receber-se validamente «um conjunto de afirmações ou de protestos ou de clamores ou de *slogans* [...] que se [...] [apoiam] em meros actos de vontade [...] de expressão voluntariosa ou ingénua», sem séria «construção intelectual». Foi, no entanto, um representante eminente da «filosofia portuguesa» – Pinharanda Gomes – quem primeiramente e perfeitamente entendeu a expressão amoriniana de «positivismo metafísico» e quem se tem referido, mais desenvolvidamente, em diversos escritos, a este importante conceito do sistema filosófico de Amorim de Carvalho.

<sup>5</sup> Exemplos paradigmáticos: o *Dicionário das literaturas portuguesa, galega e brasileira* (obra inferior, sem objectividade, repleta de anacronismos, dirigida por Jacinto do Prado Coelho), e as recentes congregações *internacionais* (há nisto, muito provavelmente, um caso do que se poderia chamar, retomando a expressão de um cronista português, «o culto gregário do colossal») sobre os «pensadores» ou o «pensamento» em Portugal, onde o nome da Amorim de Carvalho tem sido apenas marginalmente citado (*Actas do congresso internacional pensadores portugueses contemporâneos (1850-1950)*; *O pensamento luso-galaico-brasileiro (1850-2000)* – *actas do I congresso internacional*). Abrimos uma excepção para Artur Manso que, neste último «internacional», interveio com o estudo: *Da educação e da sociedade: algumas notas para a compreensão do antropocentrismo em Amorim de Carvalho*.

<sup>6</sup> *Vid.*, também, o nosso trabalho *Achegas para uma biografia: Amorim de Carvalho*, «Gil Vicente» (revista dirigida por Barroso da Fonte), Guimarães, 4.<sup>a</sup> série, n.º 3, 2002, págs. 62 a 75.

<sup>7</sup> Sobre a maior parte destes aspectos da biografia de Amorim de Carvalho, existe abundante documentação no Arquivo e na Biblioteca da Casa Amorim de Carvalho.

<sup>8</sup> *Vid.*, entre outras obras de Amorim de Carvalho, o *Depoimento para a história crítica do modernismo em Portugal*. O essencial da obra poética de Amorim está reunida em: *Obra poética escolhida* (organizada pelo poeta), compreendendo 6 volumes que incluem, além de poesias de mais reduzida dimensão, os seguintes extensos poemas: *Elegia heróica*, *O mito de Eva*, *O amor e o tempo*, *Elegia da tua ausência*, *Biografia*, *O Juízo Final*, *A erotizada*, *A comédia da morte*, *Il Poverello*, *Com Deus ou sem Deus*, *O apóstolo*, *Paz*, *Cântico ao meu Filho*.

<sup>9</sup> Um exemplo de «alteração experimental» no estudo da pintura, em Nadir Afonso, *Sobre a vida e sobre a obra de Van Gogh*, 2002, págs. 37 e segs. Citamos de Nadir Afonso: «Nas páginas seguintes encontraremos, dum lado os trabalhos de Van Gogh, do outro as alterações por nós sentidas [...]».